

Serviço social

na contemporaneidade:

Fundamentos e
atuação profissional

Soraya Araujo Uchoa Cavalcanti
(Organizadora)

Atena
Editora
Ano 2022



Serviço social

na contemporaneidade:

Fundamentos e
atuação profissional

Soraya Araujo Uchoa Cavalcanti
(Organizadora)

Atena
Editora
Ano 2022



Editora chefe

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Editora executiva

Natalia Oliveira

Assistente editorial

Flávia Roberta Barão

Bibliotecária

Janaina Ramos

Projeto gráfico

Bruno Oliveira

Camila Alves de Cremo

Daphynny Pamplona

Luiza Alves Batista

Natália Sandrini de Azevedo

Imagens da capa

iStock

Edição de arte

Luiza Alves Batista

2022 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do texto © 2022 Os autores

Copyright da edição © 2022 Atena Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena Editora pelos autores.

Open access publication by Atena Editora



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição-Não-Comercial-NãoDerivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação com base em critérios de neutralidade e imparcialidade acadêmica.

A Atena Editora é comprometida em garantir a integridade editorial em todas as etapas do processo de publicação, evitando plágio, dados ou resultados fraudulentos e impedindo que interesses financeiros comprometam os padrões éticos da publicação. Situações suspeitas de má conduta científica serão investigadas sob o mais alto padrão de rigor acadêmico e ético.

Conselho Editorial**Ciências Humanas e Sociais Aplicadas**

Prof. Dr. Adilson Tadeu Basquerote Silva – Universidade para o Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí

Prof. Dr. Alexandre de Freitas Carneiro – Universidade Federal de Rondônia

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia

Profª Drª Ana Maria Aguiar Frias – Universidade de Évora

Profª Drª Andréa Cristina Marques de Araújo – Universidade Fernando Pessoa



Prof. Dr. Antonio Carlos da Silva – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Arnaldo Oliveira Souza Júnior – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Crisóstomo Lima do Nascimento – Universidade Federal Fluminense
Prof^o Dr^a Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Daniel Richard Sant’Ana – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Prof^o Dr^a Dilma Antunes Silva – Universidade Federal de São Paulo
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá
Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima
Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros
Prof. Dr. Humberto Costa – Universidade Federal do Paraná
Prof^o Dr^a Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Jadilson Marinho da Silva – Secretaria de Educação de Pernambuco
Prof. Dr. Jadson Correia de Oliveira – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. José Luis Montesillo-Cedillo – Universidad Autónoma del Estado de México
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Kárpio Márcio de Siqueira – Universidade do Estado da Bahia
Prof^o Dr^a Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal do Paraná
Prof^o Dr^a Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Prof^o Dr^a Lucicleia Barreto Queiroz – Universidade Federal do Acre
Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros
Prof. Dr. Lucio Marques Vieira Souza – Universidade do Estado de Minas Gerais
Prof^o Dr^a Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof^o Dr^a Marianne Sousa Barbosa – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas
Prof^o Dr^a Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Miguel Rodrigues Netto – Universidade do Estado de Mato Grosso
Prof. Dr. Pedro Henrique Máximo Pereira – Universidade Estadual de Goiás
Prof. Dr. Pablo Ricardo de Lima Falcão – Universidade de Pernambuco
Prof^o Dr^a Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof^o Dr^a Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador
Prof. Dr. Saulo Cerqueira de Aguiar Soares – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof^o Dr^a Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof^o Dr^a Vanessa Ribeiro Simon Cavalcanti – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins



Serviço social na contemporaneidade: fundamentos e atuação profissional

Diagramação: Camila Alves de Cremo
Correção: Mariane Aparecida Freitas
Indexação: Amanda Kelly da Costa Veiga
Revisão: Os autores
Organizadora: Soraya Araujo Uchoa Cavalcanti

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

S491 Serviço social na contemporaneidade: fundamentos e atuação profissional / Organizadora Soraya Araujo Uchoa Cavalcanti. – Ponta Grossa - PR: Atena, 2022.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-258-0250-3

DOI: <https://doi.org/10.22533/at.ed.503223005>

1. Serviço Social. I. Cavalcanti, Soraya Araujo Uchoa (Organizadora). II. Título.

CDD 360

Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166

Atena Editora

Ponta Grossa – Paraná – Brasil

Telefone: +55 (42) 3323-5493

www.atenaeditora.com.br

contato@atenaeditora.com.br



Atena
Editora
Ano 2022

DECLARAÇÃO DOS AUTORES

Os autores desta obra: 1. Atestam não possuir qualquer interesse comercial que constitua um conflito de interesses em relação ao artigo científico publicado; 2. Declaram que participaram ativamente da construção dos respectivos manuscritos, preferencialmente na: a) Concepção do estudo, e/ou aquisição de dados, e/ou análise e interpretação de dados; b) Elaboração do artigo ou revisão com vistas a tornar o material intelectualmente relevante; c) Aprovação final do manuscrito para submissão.; 3. Certificam que os artigos científicos publicados estão completamente isentos de dados e/ou resultados fraudulentos; 4. Confirmam a citação e a referência correta de todos os dados e de interpretações de dados de outras pesquisas; 5. Reconhecem terem informado todas as fontes de financiamento recebidas para a consecução da pesquisa; 6. Autorizam a edição da obra, que incluem os registros de ficha catalográfica, ISBN, DOI e demais indexadores, projeto visual e criação de capa, diagramação de miolo, assim como lançamento e divulgação da mesma conforme critérios da Atena Editora.



DECLARAÇÃO DA EDITORA

A Atena Editora declara, para os devidos fins de direito, que: 1. A presente publicação constitui apenas transferência temporária dos direitos autorais, direito sobre a publicação, inclusive não constitui responsabilidade solidária na criação dos manuscritos publicados, nos termos previstos na Lei sobre direitos autorais (Lei 9610/98), no art. 184 do Código penal e no art. 927 do Código Civil; 2. Autoriza e incentiva os autores a assinarem contratos com repositórios institucionais, com fins exclusivos de divulgação da obra, desde que com o devido reconhecimento de autoria e edição e sem qualquer finalidade comercial; 3. Todos os e-book são *open access*, *desta forma* não os comercializa em seu site, sites parceiros, plataformas de *e-commerce*, ou qualquer outro meio virtual ou físico, portanto, está isenta de repasses de direitos autorais aos autores; 4. Todos os membros do conselho editorial são doutores e vinculados a instituições de ensino superior públicas, conforme recomendação da CAPES para obtenção do Qualis livro; 5. Não cede, comercializa ou autoriza a utilização dos nomes e e-mails dos autores, bem como nenhum outro dado dos mesmos, para qualquer finalidade que não o escopo da divulgação desta obra.



APRESENTAÇÃO

A coletânea *Serviço social na contemporaneidade: Fundamentos e atuação profissional* é composta por 08 (oito) capítulos produtos de pesquisa, ensaio teórico, relato de experiências, dentre outros.

O primeiro capítulo, analisa a ampliação das desigualdades de gênero na vida das mulheres no contexto pandêmico e suas implicações para a atuação do Assistente Social.

Já o segundo capítulo, discute a dimensão investigativa e a produção do conhecimento no âmbito do Serviço Social enquanto estratégia de qualificação e debate das demandas socialmente postas à atuação profissional.

O terceiro capítulo, por sua vez, discute a atuação do Assistente Social na política de saúde pública, as condições objetivas de atuação e as demandas postas no contexto pandêmico.

O quarto capítulo apresenta os resultados da pesquisa acerca dos conflitos socioambientais diante na sociedade do capital em tempos de pandemia de Covid-19.

Já o quinto capítulo, apresenta os resultados da pesquisa acerca da *potencialidade do Programa Bolsa Família em provocar mudanças nas condições de vida dos seus usuários*, no período de 2007/2014.

O sexto capítulo, por sua vez, apresenta os resultados da pesquisa acerca do acesso ao Programa Prestação Continuada via judicialização.

O sétimo capítulo traz reflexões sobre a contribuição do Serviço Social no âmbito do judiciário, os limites e as possibilidades de atuação.

E finalmente o oitavo capítulo discute a mulher na atual conjuntura, inserida nas complexas configurações do mercado de trabalho e funções diversificadas na vida cotidiana.

Soraya Araujo Uchoa Cavalcanti

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1..... 1

MULHERES E PANDEMIA: O AUMENTO DAS DESIGUALDADES DE GÊNERO

Cintia Maria da Silva

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.5032230051>

CAPÍTULO 2..... 11

PRODUZIR X REPRODUZIR: PENSANDO A PESQUISA EM SERVIÇO SOCIAL NA CONTEMPORANEIDADE

Jodeylson Islony de Lima Sobrinho

Carla Montefusco de Oliveira

Elisa Cristiane de Souza


 <https://doi.org/10.22533/at.ed.5032230052>

CAPÍTULO 3..... 23

SERVIÇO SOCIAL E A PANDEMIA: LIMITES E POSSIBILIDADES PARA ATUAÇÃO EM UNIDADE PROVISÓRIA DE ISOLAMENTO

Mayla Stella do Nascimento Ferreira

Kellyane de Santana Ricardo

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.5032230053>


CAPÍTULO 4..... 35

CONFLITOS SOCIOAMBIENTAIS E VULNERABILIDADE SOCIAL NO LIXÃO CÉU AZUL NO MUNICÍPIO DE CAMARAGIBE – PE

Isabella do Nascimento Silva

Eduardo Gaspar Chaves Cavalcanti da Silva

Rosiglay Cavalcante de Vasconcelos


 <https://doi.org/10.22533/at.ed.5032230054>

CAPÍTULO 5..... 46

UMA ANÁLISE DO PROGRAMA BOLSA FAMÍLIA E SEUS REBATIMENTOS NAS CONDIÇÕES DE VIDA DOS SEUS USUÁRIOS

Cryslaine Pinheiro da Silva

Ana Cristina Brito Arcoverde


 <https://doi.org/10.22533/at.ed.5032230055>

CAPÍTULO 6..... 56

BENEFÍCIO DE PRESTAÇÃO CONTINUADA: EM BUSCA DE UMA EFETIVA PROTEÇÃO SOCIAL

Ana Paula Mafia Policarpo

Maria Gilzônia Mota Silva

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.5032230056>


CAPÍTULO 7..... 67

O IMPORTANTE TRABALHO DESENVOLVIDO PELO ASSISTENTE SOCIAL NO ÂMBITO

DO PODER JUDICIÁRIO: PRESTAÇÃO DE SERVIÇOS PARA A COMUNIDADE

Adelcio Machado dos Santos

Silvania da Silva Machado dos Santos


 <https://doi.org/10.22533/at.ed.5032230057>

CAPÍTULO 8..... 81

A MULHER E/ NO TRABALHO: PODER E EMANCIPAÇÃO (UMA ANÁLISE NA PERSPECTIVA FIGURACIONAL)

Vanessa Pereira Araújo

Gláucio Campos Gomes de Matos

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.5032230058>

SOBRE A ORGANIZADORA..... 93

ÍNDICE REMISSIVO..... 94

CAPÍTULO 1

MULHERES E PANDEMIA: O AUMENTO DAS DESIGUALDADES DE GÊNERO

Data de aceite: 02/05/2022

Cintia Maria da Silva

Universidade Federal de Pernambuco – UFPE
Recife – Pernambuco
<http://lattes.cnpq.br/2429848047439262>

RESUMO: A descoberta do coronavírus (COVID-19) não só estremeceu diversos setores da sociedade, mas também evidenciou as desigualdades de gênero. Se muito antes da chegada da COVID-19 as mulheres já eram responsáveis pela maior parte do trabalho doméstico e pelo cuidado dos membros mais vulneráveis da família, em tempos de isolamento social e escolas fechadas, essa carga se intensificou. Diante desse cenário, este artigo tem como objetivo refletir sobre ampliação das desigualdades de gênero na vida das mulheres em tempos de pandemia. Através de uma pesquisa bibliográfica, no primeiro momento será explanado sobre o conceito de gênero e a influência teórica do marxismo nos debates sobre as relações de gênero, bem como destacada a importância da problematização desse conceito para o (a) assistente social. Em seguida, será abordada como a desigualdade de gênero influencia na produção acadêmica das mulheres, bem como o fenômeno social chamado de feminilização (feminização). Os resultados apontam que nesse contexto pandêmico torna-se fundamental atentar para a necessidade de se pautar na teoria marxista as questões de gênero e o fenômeno da feminização para abolir

as desigualdades, mantendo o compromisso político profissional, em uma perspectiva crítica e de totalidade, para lutar contra a subalternidade, opressão e superexploração sofridas pelas mulheres e abraçar um projeto societário em busca da plena emancipação humana. Trata-se de uma leitura que visa contribuir com o aprimoramento do processo formativo no âmbito do Serviço Social em tempos de pandemia.

PALAVRAS-CHAVE: Mulheres. Pandemia. Desigualdade de gênero. Serviço Social.

WOMEN AND THE PANDEMIC: THE INCREASING OF GENDER INEQUALITIES

ABSTRACT: The discovery of the coronavirus (COVID-19) not only shook various sectors of society, but also highlighted gender inequalities. If long before the arrival of COVID-19, women were already responsible for most of the domestic work and the care of the most vulnerable members of the family, in times of social isolation and closed schools, this burden has intensified. Given this scenario, this article aims to reflect on the expansion of gender inequalities in women's lives in times of a pandemic. Through a bibliographical research, at first, the concept of gender and the theoretical influence of Marxism in debates on gender relations will be explained, as well as the importance of problematizing this concept for the social worker. Then, it will be discussed how gender inequality influences the academic production of women, as well as the social phenomenon called feminization (feminization). The results indicate that in this pandemic context, it is essential to pay attention to the need to base

gender issues and the phenomenon of feminization in Marxist theory to abolish inequalities, maintaining professional political commitment, in a critical and totality perspective, to fight against subordination, oppression and overexploitation suffered by women and embrace a societal project in search of full human emancipation. It is a reading that aims to contribute to the improvement of the training process within the scope of Social Service in times of a pandemic.

KEYWORDS: Women. Pandemic. Gender inequality. Social service.

1 | INTRODUÇÃO

É imprescindível aprimorar o conhecimento no âmbito do Serviço Social acerca das desigualdades de gênero, tendo em vista que o momento de crise sanitária contribuiu para intensificar carga de trabalho das mulheres em tempos de isolamento social e escolas fechadas. No primeiro momento será abordado o sentido do vocábulo gênero ou *gênerjá* no século XV, em seguida como o conceito de gênero foi apresentado como uma construção social na década de 1970, fruto do movimento feminista contemporâneo. Por conseguinte, visualiza-se a influência teórica do marxismo nos debates sobre as relações de gênero através da obra de Engels (1978) na obra “A origem da família, da propriedade privada e do Estado” na qual destaca que “[...] o primeiro antagonismo de classes que apareceu na história coincide com o desenvolvimento do antagonismo entre o homem e a mulher, na monogamia; e a primeira opressão de classes, com a opressão do sexo feminino pelo masculino.” (ENGELS, 1978, p.18).

Destaca-se que o marxismo tem forte influência teórica nos debates sobre as relações de gênero, pois possibilita uma análise crítica acerca das relações sociais mediante uma perspectiva de totalidade. É pontuado que o gênero está presente cotidianamente na sociedade, ainda que obscuramente, e a sua problematização torna-se fundamental para o (a) assistente social. Sua análise é indispensável para a compreensão e exame da questão social. Por fim, evidencia-se que as desigualdades de gênero se ampliaram na pandemia da Covid-19. Após a pandemia da COVID-19, a carga carregada pelas mulheres com a extensa multiplicidade de tarefas se intensificou em tempos de escolas fechadas e isolamento. Desvelar as relações de desigualdade de gênero é fundamental para o compromisso da profissão em eliminar as diversas formas de preconceito, opressão em torno das mulheres.

2 | GÊNERO: UMA CONSTRUÇÃO SOCIAL

No Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa o vocábulo gênero ou *gênerjá* é encontrado no século XV, conforme Índice do Vocabulário de Português Medieval. É identificado como um “conceito geral que engloba todas as propriedades comuns que caracterizam um dado grupo ou classe de seres ou de objetos”, afirma Guimarães (2005).

No referido dicionário todas as definições conferidas ao termo nenhuma se refere ao modo como é utilizado

a partir de 1970, pelas feministas, que passaram a usá-lo como forma de entender e referir-se à organização social da relação entre os sexos, e como forma de resistência ao “determinismo biológico implícito no uso dos termos como sexo ou diferença sexual”, portanto, passando a “enfatizar o caráter fundamentalmente social das distinções baseadas no sexo”. (GUIMARÃES, 2005, p. 77).

O conceito “gênero”, estabelecido na academia, na década de 1970, é historicamente fruto do movimento feminista contemporâneo (GUIMARÃES, 2005). Emerge para denunciar a tradicional classificação e distinção baseada no sexo. O “gênero” é o princípio responsável por transformar “[...] as diferenças biológicas entre os sexos em desigualdades sociais, estruturando a sociedade sobre a assimetria das relações entre homens e mulheres.” (BRUSCHINI, 1998 *apud* SANTOS, 2010). Nos primeiros ensaios e estudos sobre as desigualdades entre homens e mulheres o foco era relacionar o aspecto feminino ao seu corpo e a sexualidade. Por isso, até a atualidade, no imaginário social ainda é forte o discurso de que a “natureza” feminina é frágil e a “natureza” masculina é forte, ou ainda, o lugar “natural” da mulher é a casa, e o lugar “natural” do homem é a rua. Essa naturalização da condição humana é uma resposta para legitimação das desigualdades sociais (SANTOS, 2010).

É importante destacar que as condições e os lugares sociais não devem ser compreendidos como naturais e acabados, pois são construções históricas, são mutáveis e variam no tempo. Sendo assim, o sexo também é uma invenção histórica, ou melhor, uma invenção social. Para Santos (2010) há uma distinção entre sexo e gênero. O sexo está relacionado a identidade biológica do homem e da mulher, e gênero, por sua vez, relacionado aos aspectos socialmente construídos das diferenças biológicas e sexuais. Entretanto, outros estudos apontam “[...] que as diferenças biológicas sexuais são, em alguma medida, socialmente construídas e historicamente variáveis.” (SANTOS, 2010, p.5). Dentro desse pensamento explica-se a recusa de separar em esferas social/biológica os conceitos gênero/sexo.

A ideia de que o gênero é uma construção social consolidou-se a partir do século XVIII, com o pensamento de Jean-Jacques Rousseau, no qual se cristalizou a ideia de que a desigualdade individual e coletiva não é um fato natural, e sim histórico. Entretanto, Rousseau não estendeu às mulheres a igualdade, que com tanto afincou defendia para os homens, mas defendeu a existência de um espaço público para homens e um espaço privado e doméstico para mulheres. A partir desse momento, houve reivindicações feministas por igualdade política e jurídica para as mulheres (GUIMARÃES, 2005).

Em “A origem da família, da propriedade privada e do Estado” Engels (1978) pontua que houve uma revolução na sociedade quando foram abolidos a filiação feminina e o

direito hereditário materno, sendo substituídos pela filiação masculina e o direito hereditário paterno nas sociedades primitivas. Engels (1978) destaca:

Não sabemos a respeito de como e quando se produziu essa revolução entre os povos cultos, pois isso remonta aos tempos pré-históricos. Mas os dados reunidos, sobretudo por Bachofen, acerca dos **numerosos vestígios do direito materno, demonstram plenamente que tal revolução ocorreu; e com que facilidade, verificamo-lo em muitas tribos índias onde acaba de efetuar-se, ou se está realizando, em parte pelo influxo do incremento das riquezas e modificações no gênero de vida (migração dos bosques para os prados), em parte pela influência moral da civilização e dos missionários.** De oito tribos do Missouri, seis estão regidas pela linhagem e ordem de herança masculinas, duas pelas femininas. **Entre os schawnees, os miamies e os delawares adotou-se o costume de dar aos filhos um nome pertencente à gens paterna, para fazê-los passar a esta, a fim de poderem herdar de seu pai.** “Casuística inata nos homens a de mudar as coisas mudando-lhes os nomes. E achar saídas para romper com a tradição sem sair dela, sempre que um interesse direto dá o impulso suficiente para isso” (Marx). Resultou daí uma espantosa confusão, que só podia ser remediada - e parcialmente o foi - com a passagem ao patriarcado. “Esta parece ser a transição mais natural” (Marx). (ENGELS, 1978, p. 14 – 15, *grifo nosso*).

Após “o desmoronamento do direito materno [houve] a grande derrota histórica do sexo feminino em todo o mundo. O homem apoderou-se também da direção da casa; a mulher viu-se convertida [...] em servidora, [...], em simples instrumento de reprodução.” (ENGELS, 1978, p.15). A família patriarcal e a união monogâmica surgem nessa ocasião juntamente com o poder exclusivo dos homens, ou seja, nasce uma família submetida ao poder paterno de seu chefe, afirma Engels (1978). Assim, “[...] o primeiro antagonismo de classes que apareceu na história coincide com o desenvolvimento do antagonismo entre o homem e a mulher, na monogamia; e a primeira opressão de classes, com a opressão do sexo feminino pelo masculino.” (ENGELS, 1978, p.18). Orr (2011) acrescenta que “as ideias de Engels nos deram uma compreensão de como a divisão de classes não existia na maior parte da história da humanidade e mostrou a importância da transição para as primeiras sociedades de classe.” (ORR, 2011, p. 136). Assim, Engels demonstra que a opressão das mulheres está arraigada no modo como a estrutura da família cresceu com a ascensão da sociedade de classes e que não era uma característica das sociedades anteriores.

É válido pontuar que o marxismo tem forte influência teórica nos debates sobre as relações de gênero, pois possibilita uma análise crítica acerca das relações sociais mediante uma perspectiva de totalidade. Esta não permite fragmentar a realidade, mas busca “apreendê-la além da aparência, das ‘representações’, sem esquecer, portanto, a incansável e constante busca de aproximação da essência dos fenômenos sociais e de suas determinações.” (CISNE, 2005, p. 7). A teoria marxista propõe um método de conhecimento da realidade de forma a desvelá-la em todas as suas determinações: sociais, econômicas, políticas e culturais, como afirma Simionato (1999) *apud* Cisne (2005).

Nesse contexto, entende-se que gênero é uma construção social que tem reflexos nas normas e especificidades conforme a cultura, a sociedade e as formas de viver de cada território (FIOCRUZ, 2021). O gênero está presente cotidianamente na sociedade, ainda que obscuramente, e a sua problematização torna-se fundamental para o (a) assistente social. Sua análise é indispensável para a compreensão e exame da questão social (CISNE, 2004). A questão social sendo desigualdade é também rebeldia, por envolver sujeitos que vivenciam as desigualdades e a ela resistem e se opõem, salienta Iamamoto (1999). E acrescenta que “um dos maiores desafios que o Assistente Social vive no presente é desenvolver sua capacidade de *decifrar a realidade* e construir *propostas de trabalho criativas e capazes de preservar e efetivar direitos, a partir de demandas emergentes no cotidiano*. (IAMAMOTO, 1999, p. 20).

Nessa análise do gênero é importante pontuar que foi com o modo de produção capitalista que surgiu uma nova forma de trabalho, baseada no contrato de trabalho assalariado (MIRANDA, 2017). Essa mudança modificou as relações sociais de produção e reprodução social, separando-as e hierarquizando-as o que tornou propício, segundo Gama (2014) *apud* Miranda (2017) a invisibilidade do trabalho reprodutivo, o status inferiorizado das mulheres e o teor e a natureza das relações familiares. Na sociedade capitalista o trabalho realizado pelas mulheres “[...] na esfera doméstica é necessário à reprodução da força de trabalho; porém, não se constitui produtivo por não ser assalariado – uma forma de trabalho base de sustentação do capitalismo.” (MIRANDA, 2017, p. 9). Nesse sentido, o trabalho relativo aos cuidados, responsabilidade atribuída às mulheres, é ainda totalmente considerado uma responsabilidade privada.

É necessário analisar gênero no bojo da contradição entre capital e trabalho e das forças sociais conflitantes das classes fundamentais que determinam essa contradição. Sendo a contradição o foco das desigualdades sociais, e o conflito a luta entre as classes sociais. (CISNE, 2005, p.4).

Assim, é fundamental relacionar a luta das mulheres como um movimento legítimo contra as desigualdades, ampliada com o advento de pandemias e epidemias, bem como relacionar na e com a luta da classe trabalhadora (CISNE, 2005).

3 | A AMPLIAÇÃO DAS DESIGUALDADES DE GÊNERO NA PANDEMIA

O mundo tem enfrentado, desde 2019, um grave problema de Saúde Pública causado pelo vírus SARS-CoV-2 ou Novo Coronavírus (COVID-19). Segundo pesquisas realizadas pela Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz) esse vírus vem produzindo repercussões de ordem biomédica e epidemiológica em escala global, bem como impactos sociais, econômicos, políticos, culturais e históricos sem precedentes na história recente das epidemias. O mundo observa que a

estimativa de infectados e mortos concorre diretamente com o impacto sobre os sistemas de saúde, com a exposição de populações e grupos

vulneráveis, a sustentação econômica do sistema financeiro e da população, a saúde mental das pessoas em tempos de confinamento e temor pelo risco de adoecimento e morte, acesso a bens essenciais como alimentação, medicamentos, transporte, entre outros (FIOCRUZ, online).

A descoberta do novo coronavírus (COVID-19) não só estremeceu diversos setores da sociedade, mas também evidenciou as desigualdades de gênero. Se o trabalho doméstico não remunerado, majoritariamente, já não era compartilhado com os homens, após a pandemia da COVID-19, a carga carregada pelas mulheres com a extensa multiplicidade de tarefas se intensificou em tempos de escolas fechadas e isolamento (SATIE, 2021). Nesse contexto, é importante destacar que a pandemia contribuiu escancarar as disparidades existentes entre homens e mulheres, pois os impactos de pandemias e epidemias não são homogêneos para os diferentes gêneros devido às históricas desigualdades (FIOCRUZ, 2021).

Em tempos de crise epidemiológica, um campo em que pode ser observada de maneira muito clara a desigualdade de gênero é o acadêmico. Tendo em vista que houve uma redução drástica, em 50%, na submissão de trabalhos de mulheres a revistas científicas, algo que não ocorreu com pesquisadores homens (SATIE, 2021). Candido (2020) ressalta que

A publicação de artigos ganha relevância nesse contexto por ter peso substantivo nos atuais sistemas de avaliação do desempenho de pesquisadoras/es, que influencia não só as possibilidades de se encontrar um emprego, como também de conquistar financiamento de projetos e visibilidade acadêmica. As revistas especializadas são um dos principais veículos de comunicação de resultados científicos e têm sido objeto de estudos sobre a sub-representação feminina em autoria de textos. (CANDIDO, 2020, online).

Esse cenário é resultado da dedicação dessas mulheres cientistas a pesquisa, a escrita, a ministração de aulas juntamente com o cuidado de filhos, idosos e à dinâmica da casa. Esse acúmulo de atribuições prejudica de maneira concreta a vida profissional dessas mulheres, já que uma parte considerável da progressão na carreira acadêmica depende de publicação (SATIE, 2021). Muitos sistemas de avaliação científica seguem ignorando essas desigualdades entre as condições de homens e mulheres. Um exemplo é a não adoção de critérios formais por parte dos concursos brasileiros para docentes em universidades públicas para contrabalancear as diferenças de currículo dos concorrentes de acordo com aspectos como a licença maternidade (CANDIDO, 2020). Assim, as diferenças de gênero se aprofundam e há um retrocesso em muitos anos na luta por equidade, salienta Satie (2021).

O relatório da ONU Mulheres¹ intitulado *Whose time to care?* (De quem é a vez

1 A ONU Mulheres foi criada, em 2010, para unir, fortalecer e ampliar os esforços mundiais em defesa dos direitos humanos das mulheres. Segue o legado de duas décadas do Fundo de Desenvolvimento das Nações Unidas para a Mulher (UNIFEM) em defesa dos direitos humanos das mulheres, especialmente pelo apoio a articulações e movimento de mulheres e feministas, entre elas mulheres negras, indígenas, jovens, trabalhadoras domésticas e trabalhadoras rurais. São seis áreas prioritárias de atuação: liderança e participação política das mulheres; empoderamento

de cuidar?) afirma que antes do COVID-19, dados sobre quanto tempo as mulheres e os homens demandavam com cuidados não remunerados e trabalho doméstico eram mais escassos (UM WOMEN, online). Entretanto, a partir de novas pesquisas essa realidade foi se alterando. Os dados disponíveis de 38 países confirmam de forma esmagadora que tanto as mulheres quanto os homens aumentaram suas cargas de trabalho, mas as mulheres ainda estão fazendo a maior parte desse trabalho, além de assumir com maior intensidade as tarefas relacionadas aos cuidados em comparação aos homens. Enquanto isso, os pais estão recebendo mais ajuda de filhas do que de filhos, afirma o relatório.

É preocupante, mais mulheres do que os homens estão deixando o mercado de trabalho, talvez como resultado do aumento dessas cargas de trabalho. As consequências econômicas, incluindo perdas de empregos e meios de subsistência, espera-se que empurre milhões de mais pessoas em extrema pobreza - e mulheres e as meninas são as mais atingidas. No final deste ano, uma chocante porcentagem de 13% das mulheres e meninas do mundo – 469 milhões de pessoas - viverão em extrema pobreza. (UM WOMEN, 2020, online).

Um aspecto importante a destacar é que no enfrentamento a pandemia, em todo o mundo, as mulheres são a maioria esmagadora, pois representam 70% das equipes de trabalhadores e trabalhadoras de serviços sociais e de saúde (UNFPA, 2020). No Brasil, os números são semelhantes, pois dos seis milhões de profissionais do setor de saúde, 65% dos são do sexo feminino. “Segundo dados baseados no Censo do IBGE, em algumas carreiras, como Fonoaudiologia, Nutrição e Serviço Social, elas alcançam quase a totalidade, ultrapassando 90% de participação. Em outras, como Enfermagem e Psicologia, estão com percentuais acima de 80%.” (CONASEMS, 2020, online). Entretanto, a valorização pelo duro trabalho não se materializa como direitos, pois quando às ocupações e os cargos envolvem cuidados com terceiros, sofre um fenômeno social chamado de feminilização, ou seja, a presença de mulheres implica no valor atribuído a profissão que passa a ser socialmente considerada de menor qualificação, remuneração e prestígio (HERNANDES; VIEIRA, 2020). “É necessário perceber que essa “feminização”, do trabalho, explicita uma análise crítica da divisão sexual do trabalho, implica em determinações relevantes para a produção e reprodução do capital [...]”, que culmina na superexploração do trabalho exercido pelas mulheres (CISNE, 2004, p.128).

Nesse período pandêmico, sendo a imensa maioria dos profissionais de saúde que estão na linha de frente do combate à Covid-19, diretamente envolvidas nos procedimentos de cuidado aos indivíduos, as mulheres são as mais expostas tanto aos riscos aumentados de contaminação quanto aos demais riscos ocupacionais. Nesse contexto, estão inclusos, “conforme a Organização Mundial da Saúde (OMS), excesso de horas trabalhadas, sofrimento psíquico, fadiga, “burnout”, estigmatização e violência física e psicológica, que

econômico; fim da violência contra mulheres e meninas; paz e segurança e emergências humanitárias; governança e planejamento; normas globais e regionais. Vide: ONU Mulheres. *Sobre a ONU Mulheres*. Disponível em: <http://www.onumulheres.org.br/onu-mulheres/sobre-a-onu-mulheres/>. Acesso em: 02 jun. 2021.

podem ser amplificados por dinâmicas de gênero” (HERNANDES; VIEIRA, 2020, p. 6).

Historicamente, o Serviço Social está ligado a questões atribuídas ao gênero feminino. Craveiro e Machado (2011) afirmam que o início da profissão a identidade do (a) Assistente Social era atribuído e formado pela ideologia da burguesia diretamente ligada às características enraizadas e culturalmente legitimadas ao âmbito feminino. O Serviço Social, em especial, permaneceu ao longo do tempo se constituindo num espaço de inserção social e ocupacional para as mulheres, porém ele não é suficiente para colocar a mulher numa posição de igualdade, no âmbito social, ocupacional e político, afirma Montañó (2007). “O Serviço Social, como profissão eminentemente feminina, tem, neste fato, o seu primeiro elemento de subalternidade, na medida em que se insere em sociedades marcadas e regidas por padrões patriarcais e “machistas”. (MONTAÑO, 2007, p. 98).

Essa identidade eminentemente feminina que marca a profissão negativamente, pois a categoria profissional se insere numa sociedade com fortes características patriarcais e conservadoras, e desse modo exalta o gênero masculino em todos os âmbitos, deixando dessa forma, em segundo plano, todos os ideários que possam privilegiar ou emancipar de forma positiva o gênero feminino. Os ideários machistas que subalternizam o gênero feminino impactam na categoria profissional feminina, que busca igualdade de condições e posições assim como oportunidades que transformem essa sociedade (CRAVEIRO; MACHADO, 2011). Assim,

[...] a categoria gênero é um instrumento fundamental para análise social e o serviço social deve se apropriar da mesma, como forma de contribuir para compreensão da dinâmica social e buscar estratégias que contribuam para minimização da desigualdade de gênero, bem como para eliminação de práticas de violência, preconceito e discriminação (SOUSA; MOURA, 2013, p. 9).

Nesse sentido é importante destacar que a categoria gênero terá sua relevância para o Serviço Social, dentro de uma perspectiva crítica, à medida que a profissão trabalha com homens e mulheres nas teias das relações sociais na perspectiva de totalidade. Desvelar essas relações de desigualdade de gênero é fundamental para o compromisso da profissão em eliminar as diversas formas de preconceito, opressão em torno das mulheres, que são expressões das relações conservadoras da sociabilidade burguesa e de seu individualismo, que, por sua vez, remete à exploração, cada vez mais bárbara, do trabalho pelo capital (CISNE, 2004).

4 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

Considerando a discussão realizada, observa-se que a categoria gênero, entendida como uma construção social, é de suma importância para apreensão da realidade social, tendo em vista que se configura como uma das manifestações da questão social. Destaca-se a importância dos estudos de Engels ao demonstrar que a opressão das mulheres está

arraigada no modo como a estrutura da família cresceu com a ascensão da sociedade de classes e que não era uma característica das sociedades anteriores, bem como para compreender como trabalho relativo aos cuidados, foi sendo atribuído como responsabilidade das mulheres, sendo ainda totalmente considerado uma responsabilidade privada.

Observou-se como as desigualdades de gênero foram ampliadas na pandemia da Covid-19, ou seja, a pandemia evidenciou dinâmicas de desigualdade que não podem ser ignoradas. Os dados apresentados apontaram que não basta apenas garantir a representação igualitária das mulheres em todos as instâncias de planejamento e de tomada de decisão sobre a resposta à pandemia. Mas, como explana Cisne (2004), atentar para a necessidade de se pautar na teoria marxista as questões de gênero e o fenômeno da feminização para abolir as desigualdades, mantendo o compromisso político profissional, em uma perspectiva crítica e de totalidade, para lutar contra a subalternidade, opressão e superexploração sofridas pelas mulheres e abraçar um projeto societário em busca da plena emancipação humana.

REFERÊNCIAS

CANDIDO, Marcia Rangel; CAMPOS, Luiz Augusto. Pandemia reduz submissões de artigos acadêmicos assinados por mulheres, **Blog DADOS**, 2020 [publicado 14 maio 2020]. Disponível em: <http://dados.iesp.uerj.br/pandemia-reduz-submissoes-de-mulheres/>. Acesso em: 02 jun. 2021.

CISNE, Mirla. **Marxismo**: uma teoria indispensável à luta feminista. 4º Colóquio Marx e Engels, 2005.

CISNE, Mirla. **Serviço Social**: uma profissão de mulheres para mulheres? Uma análise crítica da categoria gênero na histórica “feminização” da profissão. Dissertação (Mestrado em Serviço Social). Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2004. 202 p.

CONASEMS – Conselho Nacional de Secretarias Municipais de Saúde. **Protagonismo feminino na saúde**: mulheres são a maioria nos serviços e na gestão do SUS. [online]. 06 mar. 2020. Disponível em: <https://www.conasems.org.br/o-protagonismo-feminino-na-saude-mulheres-sao-a-maioria-nos-servicos-e-na-gestao-do-sus/#:~:text=As%20mulheres%20s%C3%A3o%20a%20principal,hospitais%2C%20quanto%20na%20aten%C3%A7%C3%A3o%20B%C3%A1sica>. Acesso em: 02 jun. 2021.

CRAVEIRO, Adriéli Volpato; MACHADO Jéssica Gomes do Vale Cabrerisso. A predominância do sexo feminino na profissão do Serviço Social: uma discussão em torno desta questão. **Anais II Simpósio Gênero e Políticas Públicas**. Universidade Estadual de Londrina, 18 e 19 de agosto de 2011.

ENGELS, Friedrich (1978). **A origem da Família, da Propriedade Privada e do Estado**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.

FIOCRUZ Observatório Covid. **Como diminuir as desigualdades de gênero na pandemia**. Plano de resposta à pandemia deve incluir perspectiva crítica de gênero e raça. Guia Gender & COVID-19. Impacto Social da COVID-19 - FIOCRUZ. 20 abr. 2021. Disponível em: https://impactosocialdacovid.fiocruz.br/genero/#section_01. Acesso em: 03 jun. 2021.

FIOCRUZ Observatório Covid. **Impactos sociais, econômicos, culturais e políticos da pandemia.** Observatório Covid-19: informação para ação. [online]. Disponível em: <https://portal.fiocruz.br/impactos-sociais-economicos-culturais-e-politicos-da-pandemia>. Acesso em: 03 jun. 2021.

GUIMARÃES, Maria de Fátima. Trajetória dos Feminismos: introdução a abordagem de gênero. *In*: BRASIL. Presidência da República. **Marcadas a Ferro** – Brasília: Secretaria Especial de Políticas para as Mulheres, 2005. p. 77 – 92.

HERNANDES, Elizabeth Sousa Cagliari; VIEIRA, Luciana. **A guerra tem rosto de mulher:** trabalhadoras da saúde no enfrentamento à Covid-19. 17 abr. 2020. 12 p. Disponível em: <http://anesp.org.br/todas-as-noticias/2020/4/16/a-guerra-tem-rosto-de-mulher-trabalhadoras-da-sade-no-enfrentamento-covid-19>. Acesso em: 04 jun. 2021.

IAMAMOTO, Marilda Vilela. **O Serviço Social na Contemporaneidade:** trabalho e formação Profissional. São Paulo: Cortez, 1999.

MIRANDA, Líbia Mafra Benvindo de. **Questão Social e Gênero:** uma análise sobre a condição da mulher no mercado de trabalho. VIII JORNADA INTERNACIONAL DE POLÍTICAS PÚBLICAS. Universidade Federal do Maranhão. agos. 2017. Disponível em: <http://www.joinpp.ufma.br/jornadas/joinpp2017/pdfs/eixo6/questaosocialegeneroumaanalisesobreacondicaodamulhernomercadodetrabalho.pdf>. Acesso em: 04 jun. 2021.

ORR, Judith. Marxismo e feminismo hoje. **Lutas Sociais**, São Paulo, n.27, p.132-143, 2º sem. 2011. Disponível em: <https://marxismo21.org/wp-content/uploads/2013/01/12-Judith-Orr.pdf>. Acesso em: 02 jun. 2021.

SANTOS, Juliana Anacleto dos. **Desigualdade Social e o Conceito de Gênero.** Revista Virtú- ICH. Universidade Federal de Juiz de Fora. 2010. Disponível em: <https://www.ufjf.br/virtu/files/2010/05/artigo-3a7.pdf>. Acesso em: 03 jun. 2021.

SATIE, Anna. Efeitos da pandemia sobre mulheres podem atrasar luta por equidade. **CNN Brasil**. 08 mar. 2021. São Paulo. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/nacional/2021/03/08/efeito-da-pandemia-sobre-mulheres-podem-agravar-cenario-de-luta-por-equidade>. Acesso em: 02 jun. 2021.

SOUSA, Franciele Santana de Maria. MOURA, Aparecida Garcia. Uma discussão acerca da Questão de Gênero e o Serviço Social. **Anais VI Jornada Internacional de Políticas Públicas.** Universidade Estadual de Londrina, 20 a 23 ago. 2013. Disponível em <http://www.joinpp.ufma.br/jornadas/joinpp2013/JornadaEixo2013/anais-eixo7-questoesdegeneroetniaeageracao/pdf/umadiscussaoacercaquestaoedegeneroeoservicosocial.pdf>. Acesso em: 02 jun. 2021.

UM WOMEN. **Whose time to care?** Unpaid Care And Domestic Work During Covid-19. New York, USA, 2020. 10 p. [online]. Disponível em: https://data.unwomen.org/sites/default/files/inline-files/Whose-time-to-care-brief_0.pdf. Acesso em: 02 jun. 2021.

UNFPA – United Nations Population Fund. **COVID 19:** Um olhar para gênero. Resumo Técnico, março 2020. Disponível em https://brazil.unfpa.org/sites/default/files/pub-pdf/Covid19_olhar_genero.pdf. Acesso em: 02 jun. 2021.

ÍNDICE REMISSIVO

A

Agenda neoliberal 24, 25

Assistente social 1, 2, 5, 8, 12, 16, 17, 18, 19, 20, 23, 29, 31, 34, 46, 56, 61, 65, 67, 68, 69, 70, 73, 74, 75, 78, 79

C

Cadastro único 46, 49, 55

Capitalismo 5, 12, 14, 35, 36, 39, 40, 43, 44, 48, 51, 55, 62, 66, 68, 91

Capitalismo monopolista 36, 39, 40, 66

Classe trabalhadora 5, 12, 13, 14, 39, 40, 44, 51, 58

Comitê de ética 49

Conhecimento da realidade 4, 18, 19

Construção social 2, 3, 5, 8

Covid-19 1, 2, 5, 6, 7, 9, 10, 23, 24, 25, 27, 28, 29, 30, 31, 33, 34, 42

Crise estrutural do capital 21, 36

D

Desigualdades de gênero 1, 2, 5, 6, 9

Desigualdades sociais 3, 5, 28, 36, 38, 46, 60, 62, 65

Dimensão investigativa 11, 16, 17, 20, 21

Direitos sociais 20, 21, 22, 26, 36, 41, 43, 44, 47, 48, 54, 59, 60, 62, 63, 65, 68, 69, 70, 71, 72, 75, 78, 80, 93

E

Emancipação 1, 9, 22, 41, 47, 51, 67, 69, 71, 73, 81, 82, 83, 88, 89, 90

Estado de bem-estar 58, 65

G

Gênero 1, 2, 3, 4, 5, 6, 8, 9, 10, 15, 39, 60, 78

L

Lei orgânica de assistência social 61

M

Marxismo 1, 2, 4, 9, 10

Materialismo histórico-dialético 12

Movimento da reforma sanitária brasileira 24

Mulher 2, 3, 4, 6, 8, 10, 61, 81, 82, 83, 84, 86, 87, 88, 89, 90, 91, 92

Mundo do trabalho 15, 64, 82, 92

P

Pandemia 1, 2, 5, 6, 7, 9, 10, 23, 24, 25, 27, 28, 29, 30, 32, 33, 34, 35, 42, 43

Pesquisa 1, 6, 11, 12, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 27, 36, 46, 48, 49, 50, 53, 54, 55, 57, 61, 67, 83, 92

Pessoas idosas 57

Poder judiciário 56, 58, 63, 64, 65, 67, 69, 70, 71, 72, 75, 76, 77, 78, 79

Política de saúde 24, 25, 26, 29, 34, 93

Políticas sociais 14, 15, 24, 26, 27, 34, 42, 45, 55, 57, 58, 59, 62, 74, 75, 79, 80, 93

Produção do conhecimento 12, 15

Programa Bolsa Família 46, 47, 53, 55

Programa de proteção social 53

Proteção social básica 56

Q

Questão social 2, 5, 8, 10, 21, 35, 36, 37, 39, 42, 43, 44, 46, 47, 48, 54, 56, 58, 60, 61, 62, 64, 66, 76

R

Redes de interdependências funcionais 83

Reestruturação produtiva 12, 13, 14

Relações de gênero 1, 2, 4, 39

Revolução industrial 38, 58, 68, 81, 82, 83, 91

S

Sars-CoV-2 23, 24, 27

Seguridade social 44, 57, 58, 59, 63, 65, 66, 73

Serviços de saúde 27, 29

Serviço social 1, 2, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 25, 28, 29, 30, 31, 32, 33, 34, 35, 44, 54, 55, 56, 60, 61, 65, 66, 67, 68, 69, 70, 73, 74, 75, 77, 78, 79, 80, 93

Sistema capitalista 12, 14, 43

Sistema único de assistência social 63

Sistema Único de Saúde 23, 24, 25, 28, 34, 51, 93

Sociedade 1, 2, 3, 4, 5, 6, 8, 9, 12, 14, 15, 19, 20, 24, 28, 29, 35, 36, 37, 39, 41, 42, 43,





55, 56, 58, 62, 63, 64, 65, 67, 68, 69, 70, 71, 72, 73, 74, 75, 76, 78, 79, 80, 81, 89, 90, 91

Serviço social

na contemporaneidade:

Fundamentos e
atuação profissional







-  www.atenaeditora.com.br
-  contato@atenaeditora.com.br
-  [@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora)
-  www.facebook.com/atenaeditora.com.br

Serviço social

na contemporaneidade:

Fundamentos e
atuação profissional



-  www.atenaeditora.com.br
-  contato@atenaeditora.com.br
-  [@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora)
-  www.facebook.com/atenaeditora.com.br